

Revista do Pastor

Edição 39 | Março 2026

ITEJ

A ESFERA MINISTERIAL

Autoridade, Limites e
Fidelidade ao Chamado

E MAIS >>

■ LEALDADE: O TESTE QUE DEFINE O MINISTÉRIO

Confira pág. 05

■ COMPROMISSO GENUÍNO

Confira pág. 08

FAÇA JÁ O SEU PEDIDO
pelo nosso whatsapp ou acesse
nossa livraria On-Line.



Apenas um clique!



www.cpicb.com.br
61.99998.7654 | 61.3033.9900

REVISTA DO PASTOR *Editorial*

Graça e paz,

Vemos atualmente, uma geração ministerial marcada por visibilidade, comparação e expansão acelerada. Nunca houve tantos recursos, plataformas e oportunidades. Porém, junto com essa expansão, cresce também um risco silencioso: ultrapassar a esfera que Deus designou.

Nesta edição, refletimos sobre um princípio espiritual inegociável: Deus unge, delega e estabelece limites claros para cada vocação.

O apóstolo Paulo nos ensina, em 2 Coríntios 10.13-16, que existe uma “medida”, uma esfera de atuação determinada pelo próprio Senhor. Paulo não competia, não invadia campos alheios, não se gloriava no trabalho dos outros. Ele compreendia que autoridade legítima opera dentro da designação divina.

Em contraste, vemos em 1 Samuel 13 que Saul, pressionado pela crise, ultrapassou seu limite e tocou em um ofício que não lhe pertencia. A crise não autoriza a quebra de princípios. A ansiedade não substitui a obediência.

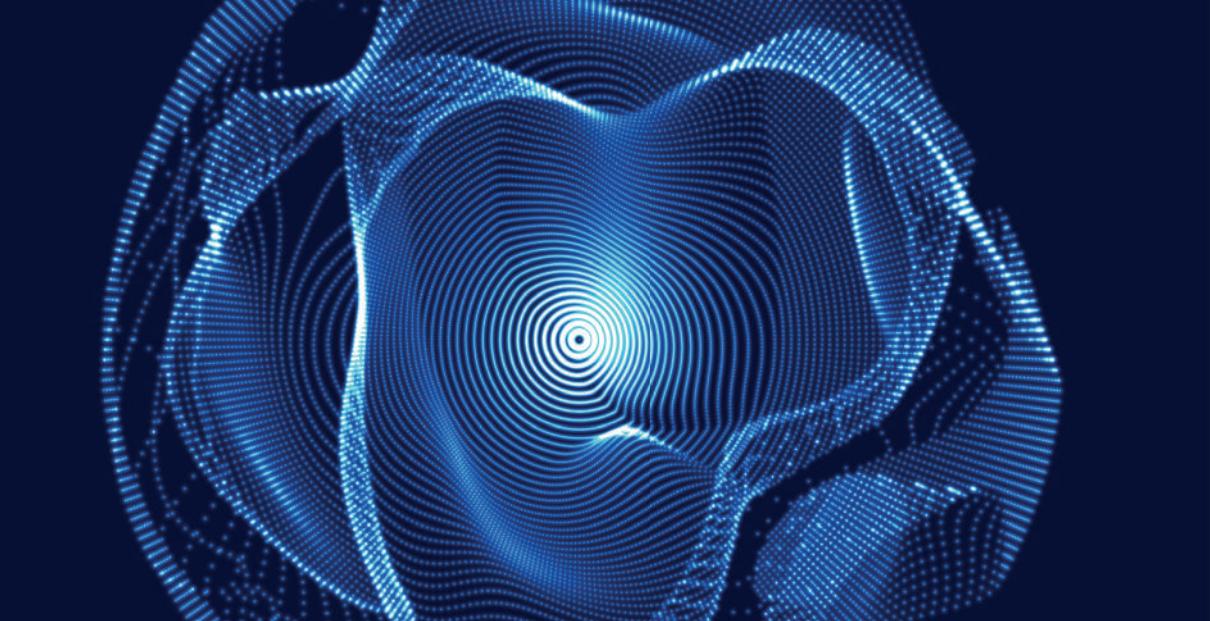
Esta revista não é apenas uma leitura, é um chamado ao alinhamento. Autoridade espiritual nasce da fidelidade à própria esfera ministerial confiada por Deus a cada pastor e líder.

Que esta edição nos conduza a um ministério mais saudável, mais ético e profundamente alinhado à ordem do Reino para avançar.

Permaneça fiel ao que Deus lhe confiou. Ali floresce sua autoridade.



Prª Adriana Francelino Affonso
Coordenação Editorial SEC-SCT/ITEJ



ÍNDICE

05 | LEALDADE: O TESTE QUE DEFINE O MINISTÉRIO

08 | COMPROMISSO GENUÍNO

11 | A MEDIDA QUE DEUS DETERMINA

16 | QUANDO A ANSIEDADE QUEBRA A ORDEM

20 | DEUS COLOCA CADA UM NO CORPO

26 | COLHA ONDE VOCÊ PLANTOU

30 | O PODER DO FOCO: GUARDANDO O CORAÇÃO E CUMPRINDO O CHAMADO

34 | QUEM CUIDA DE VOCÊ, PASTOR?

40 | FÉ SOB PRESSÃO: A IGREJA PERSEGUIDA E O PODER DO PERDÃO

IGREJA TABERNÁCULO EVANGÉLICO DE JESUS

Presidente: Ap. Jair de Oliveira

Bispos: A.C. Palaroni, Wilson J. Ribeiro, Jaime Caieiro, Daniel de Oliveira, Paulo Ribeiro

Secretários: Pr. Arcentik Dias, Pra. Ana Paula Oliveira e Pr. Marcus Galdino

REVISTA DO PASTOR

Conselho Editorial

Bp. A.C. Palaroni, Missª. Andréia Palaroni, Prª. Adriana Francelino Affonso, Pr. Sebastião Nascimento e Pr. Davi Melo.

Editora chefe: Adriana Francelino Affonso | **E-mail:** icb.revistadopastor@gmail.com

Diagramação e Arte Final: Anderson Ligado | **Capa:** Anderson Ligado (61) 99214-2306

Colaboradores: Apóstolo Jair de Oliveira, Bispo A. C. Palaroni, Miss. Moisés Oliveira, Pr. Sebastião Nascimento, Miss. Valdir Miasato, Pr. Júnior Cruz e Pr. Carlito Paes.

Endereço: Catedral da Bênção - QSF AE 4/5, Taguatinga Sul, Brasília-DF,

CEP: 72025-500 | FONE: (61) 3033-9900

LEALDADE LEALDADE LEALDADE LEALDADE LEALDADE LEALDADE

O TESTE QUE DEFINE O MINISTÉRIO

A Igreja do Senhor, apresentada nas Escrituras como Sua Noiva, foi confiada a líderes que receberam uma incumbência sagrada e inegociável: zelar, alimentar, proteger, instruir e edificar o povo de Deus

até o grande encontro com o Noivo. Contudo, há um princípio fundamental que precisa governar o coração de todo ministro: a Noiva não pertence aos pastores, pertence ao Noivo.

Essa consciência não é

apenas teológica, mas profundamente prática. Ela protege o líder de desenvolver um senso de posse indevido, evita comparações, neutraliza disputas veladas e preserva o ministério de competições carnavais. Quan-

do essa verdade é esquecida, o exercício da liderança se torna vulnerável à vaidade, ao controle e à distorção do propósito original.

Nesse contexto, a identidade ministerial torna-se o eixo que sustenta a postura correta. Quando um líder sabe quem é, entende sua função e reconhece seus limites, ele não se move por pressões externas nem por expectativas humanas. O exemplo de João Batista permanece como uma das expressões mais puras de maturidade espiritual. Mesmo diante de um cenário que poderia favorecê-lo em visibilidade e influência, ele não se desviou de sua missão. Ao afirmar: “Eu sou apenas o amigo do noivo” (João 3.29,30), João estabelece não apenas sua identidade, mas também sua medida de atuação. Sua declaração subsequente “Convém que Ele cresça e que eu diminua”, revela um coração completamente alinhado com o propósito de Deus, livre de qualquer necessidade de autopromoção.

Essa postura nos conduz ao entendimento de que a fidelidade é o maior requisito no ministério. A Escritura ensina que o que se requer dos despenseiros é que cada um seja encontrado fiel. Essa fidelidade não está condicionada a reconhecimento, posição ou circunstâncias favoráveis. Ela é um princípio de caráter, sustentado por convicção e temor ao Senhor. Há líderes que,

“

***Quando um líder
sabe quem é,
entende sua função
e reconhece seus
limites, ele não se
move por pressões
externas nem por
expectativas
humanas.***

”

embora não possuam grande destaque ou habilidades extraordinárias, permanecem firmes por causa da sua fidelidade. Por outro lado, existem aqueles altamente capacitados, mas cuja ausência de lealdade compromete sua trajetória ministerial. No Reino de Deus, a consistência do caráter sempre prevalecerá sobre a performance.

OS TRÊS TESTES DA LEALDADE

A lealdade, entretanto, não se estabelece apenas por declarações, ela é inevitavelmente provada. Todo ministro será submetido a testes que revelarão a verdadeira condição do seu coração.

Um desses testes é o da

DISTÂNCIA. A lealdade genuína não depende de supervisão, presença física ou validação constante. Ela se manifesta na ausência, no secreto, quando não há olhos observando nem reconhecimento sendo concedido. É nesse ambiente que a integridade se torna visível, pois o comportamento não é ajustado pela vigilância externa, mas governado por convicções internas.

Outro teste indispensável é o do **TEMPO.** O tempo possui a capacidade de revelar intenções ocultas, expor motivações e separar o que é verdadeiro do que é superficial. Existem aqueles que demonstram deslealdade de forma imediata, abandonando processos quando confrontados ou contrariados. Contudo, há também uma forma mais sutil e perigosa: a deslealdade tardia. São aqueles que permanecem por longos períodos, mas sem um coração verdadeiramente alinhado. A permanência, por si só, não valida a fidelidade; é necessário que o coração permaneça íntegro ao longo de toda a jornada.

Há ainda o teste do **FOGO,** talvez o mais revelador de todos. As crises, pressões, conflitos, perdas e frustrações fazem parte da trajetória ministerial e não devem ser vistas como interrupções, mas como instrumentos de formação. O fogo não destrói aquilo que é verdadeiro; ele purifica,

refina e revela. Assim como o ouro é provado no calor intenso, o líder também é aperfeiçoado nas adversidades. O problema não está na existência do fogo, mas na resposta do coração diante dele. Enquanto alguns amadurecem e se fortalecem, outros cedem à instabilidade, à crítica e à deslealdade. O fogo, inevitavelmente, revela quem o líder realmente é.

Diante disso, torna-se necessário emitir um alerta claro e urgente: a deslealdade não é apenas um comportamento inadequado, mas a manifestação de um caráter desalinhado. Ela se expressa em atitudes como duplicidade de discurso, uma postura na presença e outra na ausência, quebra de alianças por conveniência e utilização do ministério como instrumento de interesse pessoal. Tais práticas não apenas comprometem relacionamentos, mas também ferem princípios espirituais inegociáveis. A lei espiritual permanece inalterável: tudo o que o homem semear, isso também colherá.

Além da deslealdade relacional, há uma dimensão ainda mais delicada: A DESLEALDADE MINISTERIAL. Ela ocorre quando alguém ultrapassa os limites daquilo que Deus lhe confiou e tenta operar em uma esfera que não lhe pertence. Nesse ponto, não se trata apenas de uma falha de discernimento, mas

“

O sucesso, à luz do Reino, é definido pela fidelidade constante, aquela que se mantém na presença e na ausência, que resiste ao longo do tempo e que permanece firme mesmo nas provas mais intensas.

”

de uma ruptura na ordem espiritual estabelecida por Deus. O chamado é, de fato, irrevogável, mas isso não o torna transferível. Cada ministro recebeu uma medida específica, uma esfera definida, uma designação soberanamente estabelecida. Permanecer dentro dessa medida é o que garante legitimidade, autoridade e fruto duradouro. Ultrapassá-la pode até gerar aparência de sucesso momentâneo, mas compromete profundamente a essência do ministério.

O modelo perfeito de equilíbrio ministerial é encontrado no próprio ministério de Jesus. Ele ensinava, pregava e curava, demonstrando uma atuação completa que envolvia formação, proclamação e

manifestação do poder de Deus. Esse equilíbrio revela que uma igreja saudável não é construída apenas por crescimento numérico ou visibilidade, mas por maturidade espiritual, transformação de caráter e alinhamento com a verdade.

Diante de tudo isso, torna-se evidente que o verdadeiro sucesso ministerial não pode ser medido por métricas humanas. Ele não está nos números, na projeção pública ou no reconhecimento. O sucesso, à luz do Reino, é definido pela fidelidade constante, aquela que se mantém na presença e na ausência, que resiste ao longo do tempo e que permanece firme mesmo nas provas mais intensas.

Lealdade é o que sustenta o chamado. E é a fidelidade que o legitima diante de Deus, preservando não apenas o ministério, mas também o legado que será deixado às próximas gerações.



Apóstolo Jair de Oliveira
Servo do Senhor Jesus



COMPROMISSO

Genúino

Há uma crise silenciosa se instalando no nosso tempo, não apenas no mundo, mas também dentro da igreja: a crise da integridade e do compromisso.

Muitos começam bem, mas poucos permanecem. Líderes seguidos enquanto produzem resultados, igrejas frequentadas enquanto

atendem expectativas, e relacionamentos ministeriais mantidos enquanto são convenientes.

No entanto, a Escritura nos chama a um padrão mais elevado. O apóstolo Paulo declara:

“Além disso, o que se requer dos despenseiros é que

cada um deles seja encontrado fiel.” - 1 Coríntios 4.2.

Diante disso, torna-se indispensável discernirmos os níveis de compromisso que operam no contexto ministerial. Nem todo vínculo é aliança, nem toda permanência é fidelidade, e nem toda proximidade é honra.

Refletiremos sobre quatro níveis de compromisso que se manifestam na vida da igreja e que revelam a maturidade (ou imaturidade) do coração de líderes e liderados.

1. O COMPROMISSO DO “BOM TEMPO”

Este é o nível mais superficial de compromisso, e, infelizmente, o mais recorrente.

É o tipo de vínculo que se estabelece enquanto há crescimento, visibilidade e resultados. Quando o ministério floresce, quando a igreja cresce, quando há frutos evidentes, muitos se aproximam, se conectam e desejam fazer parte. Jesus já havia advertido sobre esse comportamento ao falar da semente que caiu em solo rochoso:

“Mas, vindo a angústia ou a perseguição por causa da palavra, logo se escandaliza.” - Mateus 13.21.

O problema não está na aproximação, mas na falta de profundidade. Quando chegam os tempos de crise, críticas, perseguições, pressões ministeriais, aqueles que estavam presentes começam a se afastar. O que antes era admiração se transforma em dúvida. O que antes era honra se torna julgamento. Esse tipo de compromisso é circunstancial. Ele se sustenta nos resultados, não na convicção.

Pastores precisam discernir esse nível com clareza.

“

**Muitos
começam bem,
mas poucos
permanecem.
Líderes seguidos
enquanto produzem
resultados, igrejas
frequentadas
enquanto atendem
expectativas, e
relacionamentos
ministeriais
mantidos enquanto
são convenientes.**

”

Nem toda conexão é aliança. Muitos se aproximam para desfrutar dos frutos, mas não estão dispostos a carregar o peso do processo.

“Todos buscam o que é seu, e não o que é de Cristo Jesus.” - Filipenses 2.21.

O compromisso do bom tempo não suporta o vale, apenas celebra o monte.

2. O COMPROMISSO GEOGRÁFICO

Neste nível, o vínculo é sustentado pela proximidade física, e não por alinhamento espiritual.

São pessoas que estão presentes, participam das atividades, ocupam espaços, mas sua permanência está

condicionada ao ambiente. Estão juntas porque compartilham o mesmo lugar, não necessariamente a mesma visão.

A igreja primitiva nos oferece um contraste importante. Enquanto alguns permaneciam firmes na doutrina e na comunhão: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão...” (Atos 2.42). Outros demonstravam instabilidade. O próprio apóstolo Paulo relata: “Procura vir ter comigo depressa, porque Demas me abandonou, tendo amado o presente século.” (2 Timóteo 4.9-10).

A geografia muda, e, com ela, muitos vínculos se desfazem. Isso revela uma ausência de visão compartilhada. Porque quando há visão, há movimento. Quando há propósito, há disposição para atravessar distâncias, romper zonas de conforto e sustentar a conexão. O compromisso geográfico é limitado, pois depende da conveniência. Já o compromisso genuíno é sustentado pela convicção.

3. O COMPROMISSO QUE PERMANECE MESMO À DISTÂNCIA

Aqui entramos em um nível mais maduro de relacionamento ministerial. Este é o compromisso que não se enfraquece com a distância, porque está fundamentado em honra, alinhamento e fidelidade.

O relacionamento en-

tre Paulo de Tarso e Timóteo é um exemplo claro:

“Tu, porém, tens seguido de perto o meu ensino, procedimento, propósito, fé, longanimidade, amor, perseverança.” - 2 Timóteo 3.10.

Observe a profundidade: mesmo distante, Timóteo seguia de perto. Isso revela que o discipulado verdadeiro não depende apenas de presença física, mas de imitação de vida.

Outro exemplo marcante é Tito:

“Deus, que consola os abatidos, nos consolou com a chegada de Tito.” - 2 Coríntios 7.6.

Tito não apenas permanecia conectado, ele se movia em momentos críticos. Ele discernia necessidades e respondia com presença, cuidado e consolação. Esse nível de compromisso revela maturidade espiritual. Não é passivo, nem dependente, é ativo, sensível e responsável.

4. O COMPROMISSO DE ALIANÇA (NÍVEL DE “BODAS”)

Este é o mais alto nível de compromisso, o padrão que deve nortear toda liderança cristã. É um compromisso semelhante à aliança do casamento: bilateral, sacrificial e permanente.

A Escritura descreve esse tipo de relação na amizade entre Jônatas e Davi: “Jônatas fez Davi jurar de novo, por causa do seu amor para com ele; porque o ama-

va com todo o amor da sua alma.” (1 Samuel 20.17). Aqui não há interesse, conveniência ou oscilação, há aliança.

Esse compromisso se manifesta na prática:

- Sustenta o outro na crise
- Defende na ausência
- Permanece na adversidade
- Perdoa nas falhas

Ele não ignora imperfeições, mas escolhe não romper por causa delas. O princípio bíblico é claro: *“Em todo o tempo ama o amigo, e na angústia nasce o irmão.”* (Provérbios 17.17). Esse nível de compromisso exige maturidade, renúncia e decisão. Ele não é emocional, é factual.

UMA VERDADE PASTORAL: COMPROMISSO REVELA CARÁTER

É fundamental compreender que compromisso não está ligado apenas a pessoas ou posições, mas ao caráter do coração.

O profeta Daniel é um exemplo notável. Ele permaneceu íntegro e comprometido em diferentes governos, sob reis distintos e cenários adversos, sem negociar sua fé ou sua postura.

“Daniel, pois, se distinguia... porque nele havia um espírito excelente.” - Daniel 6.3.

Isso nos ensina que o verdadeiro compromisso não muda conforme a lide-

rança, o ambiente ou a estação. Ele permanece, porque está fundamentado em Deus.

COMPROMISSO É DECISÃO ESPIRITUAL E RESPONSABILIDADE MINISTERIAL

O compromisso genuíno não é um sentimento, é uma decisão espiritual que gera responsabilidade. Ele exige constância quando não há aplausos, fidelidade quando há pressão, e perseverança quando surgem decepções.

Jesus estabeleceu o padrão final ao dizer: “Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o Reino de Deus.” (Lucas 9.62).

Para pastores e líderes, essa mensagem é ainda mais urgente. Não podemos edificar uma obra sólida com relacionamentos frágeis. Não podemos sustentar uma visão com pessoas que não estão comprometidas com ela. Precisamos formar uma cultura de aliança, não baseada em conveniência, mas em fidelidade.

Que cada líder examine o próprio coração e discirna aqueles que caminham ao seu lado. Porque, no fim, não é o tamanho da igreja, nem a visibilidade do ministério que sustenta a obra, é a qualidade do compromisso que a sustenta.

Bispo A. C. Palaroni
ICB Santos - SP

A MEDIDA QUE DEUS DETERMINA

2 Coríntios 10.13–16 fala sobre o conceito de ‘medida’ (κανὼν – *kanōn*) no ministério cristão:

“Nós, porém, não nos gloriaremos sem medida, mas respeitamos o limite da esfera de ação que Deus nos demarcou e que se estende até vós. Porque não ultrapassamos os nossos limites como se não devêssemos chegar até vós, posto que já chegamos até vós com o evangelho de Cristo; não nos gloriando fora de medida nos trabalhos alheios e tendo esperança de que, crescendo a vossa fé, seremos sobremaneira engrandecidos entre vós, dentro da nossa esfera de ação, a fim de anunciar o evangelho para além das vossas fronteiras, sem com isto nos gloriarmos de coisas já realizadas em campo alheio.”

Temos visto comparações ministeriais, pressões por resultados e pela tentação constante de expandir influência além dos limites estabelecidos por Deus, portanto, a igreja contemporânea precisa redescobrir um princípio bíblico fundamental: DEUS ESTABELECE UMA MEDIDA PARA CADA CHAMADO. O apóstolo Paulo aborda essa realidade de maneira direta.

Nesse texto, Paulo utiliza o termo grego κανὼν (*kanōn*), que originalmente descrevia uma vara de medição ou régua utilizada para determinar limites e

“

O apóstolo apresenta um princípio profundo para o ministério cristão: Deus mesmo define a esfera, o alcance e a responsabilidade de cada vocação.

”

proporções. A partir desse conceito, o apóstolo apresenta um princípio profundo para o ministério cristão: Deus mesmo define a esfera, o alcance e a responsabilidade de cada vocação. Compreender essa verdade não limita o ministério; pelo contrário, preserva sua saúde espiritual e sua fidelidade ao propósito divino.

Nosso artigo busca compartilhar uma reflexão bíblica desse conceito, analisando o contexto da colocação apostólica de Paulo, explorando o significado do termo *kanōn* e aplicando seus princípios ao cenário ministerial atual.

O CONTEXTO DA

DEFESA APOSTÓLICA DE PAULO

A segunda carta aos coríntios foi escrita em um momento de grande tensão ministerial. A autoridade apostólica de Paulo estava sendo questionada por líderes que buscavam influência dentro da igreja. Esses opositores procuravam desqualificar o ministério do apóstolo, comparando-se a ele e promovendo a si mesmos como líderes superiores.

Em resposta, Paulo apresenta uma defesa que revela não apenas sua autoridade apostólica, mas também sua compreensão profunda do chamado ministerial. Ele afirma que não se gloriaria além da medida estabelecida por Deus (2 Coríntios 10.13). Isso significa que sua atuação apostólica não era determinada por ambição pessoal, mas pelos limites definidos pelo próprio Senhor.

Paulo reconhecia que havia recebido de Deus uma esfera específica de atuação: “E, quanto àqueles que pareciam ser de maior influência (quais tenham sido, outrora, não me interessa; Deus não aceita a aparência do homem), esses, digo, que me pareciam ser alguma coisa nada me acrescentaram; antes, pelo contrário, quando viram que o evangelho da incircuncisão me fora confiado, como a Pedro o da circuncisão (pois aquele que ope-

rou eficazmente em Pedro para o apostolado da circuncisão também operou eficazmente em mim para com os gentios) e, quando conheceram a graça que me foi dada, Tiago, Cefas e João, que eram reputados colunas, me estenderam, a mim e a Barnabé, a destra de comunhão, a fim de que nós fôssemos para os gentios, e eles, para a circuncisão;" (Gálatas 2.6-9). Seu ministério entre os gentios fazia parte desse plano divino, e sua presença em Corinto não era resultado de invasão ministerial, mas de uma comissão legítima. Assim, ao falar de "medida", Paulo não está apenas defendendo sua autoridade; ele está revelando um princípio espiritual sobre como Deus governa o serviço cristão.

O SIGNIFICADO DO TERMO ΚΑΝΩΝ (KANÓN)

O termo "kanón" possuía um significado bastante concreto no mundo antigo. Era usado para descrever uma régua ou instrumento de medição empregado em construção, arquitetura e agrimensura. Com o tempo, o termo passou a ser utilizado metaforicamente para indicar padrão, regra ou limite estabelecido.

Quando Paulo utiliza essa palavra, ele comunica a ideia de que Deus estabeleceu um padrão ou limite

“

O chamado ministerial não é definido pelo tamanho da influência, mas pela fidelidade ao território espiritual confiando por Deus.

”

ministerial para cada servo. Essa medida não é fruto de comparação humana, mas de designação divina. Cada ministério possui uma esfera determinada pelo próprio Deus.

“Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém; antes, pense com moderação, segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros, tendo, porém, diferentes dons segundo a graça

que nos foi dada: se profecia, seja segundo a proporção da fé;” - Romanos 12.3-6.

Do ponto de vista bíblico, isso revela uma verdade importante: o chamado ministerial não é definido pelo tamanho da influência, mas pela fidelidade ao território espiritual confiando por Deus. A régua divina não mede sucesso pelos parâmetros humanos, mas pela obediência ao propósito estabelecido pelo Senhor.

“Quem é Apolo? E quem é Paulo? Servos por meio de quem crestes, e isto conforme o Senhor concedeu a cada um. Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus. De modo que nem o que planta é alguma coisa, nem o que rega, mas Deus, que dá o crescimento. Ora, o que planta e o que rega são um; e cada um receberá o seu galardão, segundo o seu próprio trabalho. Porque de Deus somos cooperadores; lavoura de Deus, edifício de Deus sois vós.” - 1 Coríntios 3.5-9.

ESFERA MINISTERIAL COMO DESIGNAÇÃO DIVINA

A ideia de esfera ministerial aparece claramente na afirmação de Paulo de que Deus “repartiu” uma medida para ele. O verbo utilizado sugere distribuição intencional. Deus não apenas chama pessoas para o ministério; Ele também

determina o alcance desse chamado: “E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram.” (Atos 13.2-3).

Isso significa que diferentes líderes terão diferentes esferas de atuação. Alguns serão chamados para impactar cidades, outros nações, outros ainda comunidades específicas. No entanto, nenhuma dessas esferas é superior ou inferior em valor diante de Deus.

Quando líderes ignoram esse princípio, surgem distorções ministeriais. A comparação substitui a cooperação, a ambição toma o lugar da vocação e o ministério passa a ser conduzido por pressões externas em vez de direção espiritual.

Paulo demonstra maturidade ao reconhecer que sua autoridade estava vinculada à medida que Deus lhe havia concedido. Ele não precisava ultrapassar limites para validar seu chamado. Sua legitimidade vinha da fidelidade à esfera que lhe fora confiada.

ESFERA NÃO É LIMITAÇÃO, MAS PROTEÇÃO DIVINA!

Um dos grandes equívocos ministeriais contemporâneos é interpretar li-

“

No entanto, na perspectiva bíblica, limites são instrumentos de proteção divina. Assim como rios precisam de margens para manter seu fluxo saudável, o ministério também necessita de limites para preservar sua integridade.

”

mites como obstáculos ao crescimento.

No entanto, na perspectiva bíblica, limites são instrumentos de proteção divina. Assim como rios precisam de margens para manter seu fluxo saudável, o ministério também necessita de limites para preservar sua integridade. Quando um líder ultrapassa a esfera estabelecida por Deus, corre o risco de operar fora da cobertura espiritual de seu chamado.

Paulo demonstra claramente essa consciência ao afirmar que não se gloriaria além da medida. Ele reconhece que existe um

território legítimo de atuação e que ultrapassá-lo significaria entrar em um campo que Deus não lhe designou.

De acordo com as sagradas escrituras, essa compreensão é profundamente relevante. O Espírito Santo não apenas concede dons e poder para o ministério; Ele também direciona e delimita a atuação daqueles que são chamados. Discernir a esfera ministerial faz parte da sensibilidade espiritual necessária para liderar com sabedoria.

APLICAÇÕES AO CENÁRIO MINISTERIAL CONTEMPORÂNEO

O princípio apresentado por Paulo possui implicações diretas para líderes e pastores hoje. Em um ambiente eclesástico frequentemente marcado por comparação e competição, recuperar a consciência da medida divina torna-se essencial.

Primeiramente, líderes precisam reconhecer que seu chamado é único. Deus não reproduz ministérios de maneira idêntica. Cada vocação possui características próprias, contexto específico e responsabilidades distintas.

“Tu, porém, sê sóbrio em todas as coisas, suporta as aflições, faz o trabalho de um evangelista, cumpre cabalmente o teu ministério.” - 2 Timóteo 4.5.

Em segundo lugar, é necessário resistir à tentativa de medir o ministério pelos padrões de visibilidade ou influência. O Reino de Deus opera frequentemente através de processos silenciosos e locais, onde fidelidade vale mais do que projeção.

Por fim, compreender a própria medida gera liberdade espiritual. O pastor que conhece sua esfera não vive pressionado a imitar outros modelos ministeriais. Ele pode servir com alegria dentro daquilo que Deus realmente lhe confiou.

“Respondeu João: O homem não pode receber coisa alguma se do céu não lhe for dada.” - João 3.27.

CRITERIOS PRÁTICOS PARA DISCERNIR A PRÓPRIA MEDIDA MINISTERIAL

Discernir a medida estabelecida por Deus não é apenas um exercício teórico; trata-se de um processo espiritual que envolve sensibilidade, maturidade e dependência do Espírito Santo. Alguns critérios podem auxiliar líderes nesse discernimento.

Primeiro: a confirmação do chamado. No Novo Testamento, vocações ministeriais frequentemente são reconhecidas e afirmadas pela própria igreja. Isso ajuda a evitar percepções distorcidas sobre o próprio

ministério.

Segundo: a evidência de fruto espiritual dentro da esfera de atuação. Deus costuma confirmar sua medida através de resultados espirituais consistentes no ambiente onde o líder foi plantado.

Terceiro: a direção do Espírito Santo. A tradição pentecostal enfatiza corretamente que o Espírito continua conduzindo a igreja. Sensibilidade à Sua voz é essencial para compreender onde e como Deus deseja que o ministério opere.

Quarto: a presença de paz e autoridade espiritual

dentro de determinada esfera. Quando um líder atua dentro da medida estabelecida por Deus, existe uma clareza interior e uma autoridade que acompanham essa atuação.

O ensino de Paulo em 2 Coríntios 10.13-16, oferece uma correção necessária para a cultura ministerial contemporânea. Deus estabelece uma medida para cada chamado e uma esfera específica de atuação onde o ministério pode florescer com saúde e fidelidade.

Longe de representar limitação, essa medida constitui uma expressão da sabedoria divina. Ela protege o líder contra comparações destrutivas, mantém a autenticidade do chamado e o ministério alinhado ao propósito do Reino.

Pastores e líderes que compreendem esse princípio encontram liberdade para servir com fidelidade dentro daquilo que Deus realmente lhes confiou. Em vez de buscar glória além da medida, aprendem a caminhar com humildade dentro da régua estabelecida pelo Senhor.

No final, a pergunta que define a fidelidade ministerial não é quão grande se tornou o alcance de um ministério, mas se o servo permaneceu fiel à medida que Deus determinou.

Miss. Moisés R. Oliveira
ICB Governador Valadares - MG

QUANDO A ANSIEDADE QUEBRA A ORDEM

Em tempos de crise, o caráter é revelado, mas, mais do que isso, ele é testado nos seus limites mais sensíveis. A pressão não cria o que somos; ela expõe. E, muitas vezes, aquilo que vem à tona não é apenas fraqueza emocional, mas desordem espiritual.

O episódio de Saul em

Gilgal é um dos retratos mais precisos desse fenômeno. Um rei escolhido, ungido e estabelecido por Deus, que, diante da ansiedade e da pressão, rompe limites que nunca lhe foram autorizados ultrapassar. O resultado não foi apenas um erro pontual, foi o início de uma ruptura irreversível

com o propósito divino.

“Ele esperou sete dias, o prazo estabelecido por Samuel; mas este não chegou a Gilgal, e os soldados de Saul começaram a se dispersar. Então ele ordenou: “Tragam-me o holocausto e os sacrifícios de comunhão”. Saul ofereceu então o holocausto, e quando ele terminou de



permanecerá; o Senhor procurou um homem segundo o seu coração e o designou líder de seu povo, pois você não obedeceu ao mandamento do Senhor”. - 1 Samuel 13.8-14

A partir desse texto, emerge um princípio essencial para a vida pastoral contemporânea: *a crise nunca autoriza a quebra de princípios.*

A PRESSÃO DO MOMENTO E A TENTATIVA DA IMPROVISACÃO ESPIRITUAL

O contexto é claro: Saul enfrenta uma ameaça militar iminente. O povo está se dispersando, o exército enfraquece, e o profeta Samuel, aquele que deveria oferecer o sacrifício, ainda não chegou.

O texto diz que Saul esperou sete dias. Ou seja, ele não foi precipitado de imediato. Há aqui um detalhe importante: *a ansiedade nem sempre se manifesta na ausência de espera, mas no limite da espera.*

Quando o tempo de Deus parece ultrapassar o nosso senso de urgência, algo começa a se mover internamente. A confiança começa a ceder espaço para o controle. É nesse ponto que muitos líderes cometem seus maiores erros.

Saul, então, toma uma decisão crítica: ele oferece o sacrifício. Aparentemente, seu ato poderia ser interpre-

oferecê-lo, Samuel chegou, e Saul foi saudá-lo. E perguntou-lhe Samuel: “O que você fez?” Saul respondeu: “Quando vi que os soldados estavam se dispersando e que você não tinha chegado no prazo estabelecido e que os filisteus estavam reunidos em Micmás, pensei: ‘Agora, os filisteus me atacam em

Gilgal, e eu não busquei o Senhor’. Por isso senti-me obrigado a oferecer o holocausto”. Disse Samuel: “Você agiu como tolo, desobedecendo ao mandamento que o Senhor seu Deus lhe deu; se você tivesse obedecido, ele teria estabelecido para sempre o seu reinado sobre Israel. Mas agora seu reinado não

tado como zelo espiritual. Afinal, ele não estava rejeitando a Deus, estava tentando “resolver” a situação diante de Deus. No entanto, o problema não estava na intenção, mas na **violação da ordem estabelecida**. Ele era rei, não sacerdote.

No ministério pastoral, esse tipo de erro é mais comum do que parece. Líderes, pressionados por resultados, crises internas, expectativas da igreja ou urgências emocionais do povo, começam a assumir funções, decisões e posturas que Deus não lhes confiou. *A ansiedade, quando não tratada, se disfarça de iniciativa.*

A USURPAÇÃO DE FUNÇÕES

Ao oferecer o sacrifício, Saul não apenas tomou uma atitude errada; ele cruzou uma fronteira espiritual. Ele invadiu um espaço que não lhe pertencia. Isso revela um princípio profundo: *Deus não aceita desordem, mesmo quando ela nasce de uma boa intenção.*

A estrutura estabelecida por Deus não é burocrática, é espiritual. Cada função carrega uma responsabilidade, uma autoridade e uma unção específica. Quando essa ordem é quebrada, o problema não é apenas funcional; é espiritual.

Samuel chega logo

“

Líderes, pressionados por resultados, crises internas, expectativas da igreja ou urgências emocionais do povo, começam a assumir funções, decisões e posturas que Deus não lhes confiou.

”

após o sacrifício. O *timing*¹ é doloroso. A espera de Saul estava praticamente completa, mas ele rompeu no último momento. Quantas vezes líderes ministeriais fazem o mesmo?

Interferem em processos que Deus ainda está conduzindo.

Antecipam decisões por medo de perder controle.

Tomam para si responsabilidades que deveriam ser entregues a outros.

A resposta de Saul a Samuel é reveladora: ele tenta justificar sua atitude

com base nas circunstâncias. *“O povo se espalhava... tu não vinhas... os filisteus já se ajuntavam... então eu me esforcei e ofereci o holocausto.”*

Essa frase carrega um dos sinais mais perigosos da ansiedade espiritual: a *autoautorização*.

“Eu me esforcei” – ou seja, ele reconhece que agiu contra a ordem, mas se sentiu pressionado a fazê-lo.

No ministério pastoral, isso se traduz em decisões tomadas sem direção divina, justificadas por urgência, necessidade ou medo de fracasso.

A CRISE NÃO AUTORIZA A QUEBRA DE PRINCÍPIOS

A resposta de Samuel é direta e contundente: *“Procedeste nesciamente”*.

Não há suavização. Não há relativização. A crise de Saul não foi usada como justificativa; foi tratada como agravante. Isso estabelece um princípio que precisa ser resgatado na liderança pastoral contemporânea: *Crises não flexibilizam princípios; elas revelam o quanto estamos firmados neles.*

Saul acreditava que estava salvando a situação. Na verdade, estava comprometendo seu futuro. Samuel declara que o reino não per-

¹ – “*Timing*” significa a sensibilidade ou habilidade de identificar o momento certo para realizar algo, podendo também se referir à sincronização ou cronometragem de um processo.

maneceria com ele. Ou seja, um ato gerado por ansiedade produziu consequências estruturais e duradouras.

Esse é um alerta sério para pastores e líderes:

Nem toda decisão urgente é uma decisão correta

Nem toda ação necessária é uma ação autorizada

Nem toda solução aparente é aprovação divina

Há momentos em que *obedecer parece mais arriscado do que agir*. Mas, no Reino de Deus, desobedecer sempre será mais caro do que esperar.

APLICAÇÕES À REALIDADE PASTORAL ATUAL

O cenário pastoral contemporâneo é marcado por pressões intensas. Nesse ambiente, a ansiedade se torna uma companheira silenciosa; e perigosa. O problema não é sentir pressão. O problema é permitir que a pressão dite decisões que deveriam ser governadas por princípios.

Algumas aplicações práticas emergem desse texto:

a) Nem toda urgência vem de Deus. Há urgências legítimas, mas há também urgências produzidas pelo medo. Discernir isso é essencial.

b) Função não é substituível por necessidade. Só porque algo precisa ser feito

“
O problema não é sentir pressão. O problema é permitir que a pressão dite decisões que deveriam ser governadas por princípios.
”

não significa que você é a pessoa que deve fazê-lo.

c) Esperar também é uma forma de obediência. A espera não é passividade; é confiança ativa na ordem de Deus.

d) A ansiedade pode se disfarçar de zelo. Nem todo ativismo espiritual é sinal de fé, às vezes, é apenas inquietação disfarçada.

GUARDANDO A ORDEM EM TEMPOS DE PRESSÃO

A história de Saul não começa com rebeldia expli-

cita, mas com uma pequena quebra de limite em um momento crítico. Isso nos ensina que grandes quedas espirituais muitas vezes comecem com decisões aparentemente justificáveis.

Para o pastor, a vigilância precisa ser constante.

Guardar a ordem espiritual exige:

Clareza de chamado

Submissão à voz de Deus

Respeito aos limites estabelecidos

Maturidade para lidar com a pressão sem negociar princípios

Mais do que nunca, líderes, precisam entender que *fidelidade é mais importante do que eficiência*.

O Reino de Deus não é sustentado por improviso, mas por obediência.

Saul perdeu mais do que uma batalha, ele perdeu a continuidade de seu propósito. A lição permanece viva para a igreja de hoje: *Quando a ansiedade quebra a ordem, o preço é sempre maior do que o problema que se tentou resolver*.

Em tempos de crise, o chamado pastoral não é para fazer mais, é para permanecer fiel. Porque, no fim, não é a rapidez das nossas ações que sustenta o ministério, mas a integridade da nossa obediência.

Pr. Sebastião Nascimento
ICB Santos - SP

DEUS COLOCA CADA UM NO CORPO

“Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de conhecimento, pelo mesmo Espírito;”
- 1 Coríntios 12.8.

Nesta metáfora que o apóstolo Paulo usa sobre a Igreja ser o Corpo de Cristo na face da terra há ensinamentos fundamentais para não apenas estarmos numa igreja, mas SER IGREJA. Se-

gundo estudiosos as cartas aos irmãos de Corinto não foram apenas as duas que temos na Bíblia. O apóstolo Paulo escreveu pelo menos quatro cartas aos coríntios, embora apenas duas tenham sido preservadas no cânon bíblico: 1 Coríntios e 2 Coríntios.

A existência das outras cartas é confirmada por re-

ferências feitas pelo próprio Paulo nos textos bíblicos: 1ª Carta (Perdida): Paulo menciona uma carta anterior em 1 Coríntios 5.9, onde instruíamos os cristãos a não se associarem com pessoas imorais. 2ª Carta (1 Coríntios): É a primeira que temos na Bíblia, escrita para responder dúvidas e corrigir divisões na igreja de Corinto. 3ª Carta (Carta “Severa”



ou “Lacrimosa”): Mencionada em 2 Coríntios 2.4 e 7.8-9, Paulo descreve ter escrito uma carta com “muitas lágrimas” e angústia, que teria causado tristeza aos coríntios para levá-los ao arrependimento. Essa carta também não foi preservada. 4ª Carta (2 Coríntios): É a segunda preservada no Novo Testamento, escrita após Paulo receber notícias

positivas sobre a reação dos coríntios à sua carta severa.

Depois de descobrirmos isso, vamos entender que Paulo se esforçava para que essa igreja desempenhasse o papel da EKKLESIA que era influenciar a todos com o conceito do Reino de Deus. Para ser igreja eles precisariam funcionar como tal. Daí a figura

de Cristo como CABEÇA e a Igreja como CORPO.

Cada membro do corpo tem uma função, assim como no corpo humano, ou seja, cada membro é diferente e com diferentes funções. Assim como um bebê que nasce com todos os membros do corpo e vai descobrindo a função de cada um, a IGREJA DE CRISTO

precisa dessa habilidade de “funcionar o corpo”. Isso é chamado pelo apóstolo de DONS (presentes, dádivas). Então assim como no corpo humano o membro não funciona se não estiver ligado no corpo, na igreja é a mesma coisa. Até agora nenhuma novidade nisso.

Sempre vi a bíblia ensinando segredos poderosos pela via da simplicidade. Hoje há uma corrente de pensamento que diz: “Eu sou igreja, portanto não preciso estar na igreja”. Essa é uma das maiores armas que satanás tem usado contra a igreja, pois esse pensamento afasta a pessoa do corpo. Com isso ela vai morrendo espiritualmente. Pode até ter conceitos bíblico-teológicos, mas não passa disso, pois se afastando do Corpo, está longe do Cabeça que é Cristo.

Apesar da onipresença de Jesus, Ele se manifesta na terra através da sua Igreja, pois foi por isso que afirmou a Pedro que a edificaria, ou seja, usou a palavra “construir” para que as portas do inferno não prevalecessem contra ela. No ensinamento de Paulo descrito acima vemos que essa distribuição de dons visa exatamente isso: EDIFICAR A IGREJA.

Como disse Deus quer manifestar a Sua presença na terra através da Igreja; Ele é Onipresente, nós não. Somos “geográficos”, temos endereços, por isso precisamos avançar conquistando territórios espirituais e físicos. Como? Ganhando almas,

“

Apesar da onipresença de Jesus, Ele se manifesta na terra através da sua Igreja, pois foi por isso que afirmou a Pedro que a edificaria, ou seja, usou a palavra “construir” para que as portas do inferno não prevalecessem contra ela.

”

convertendo vidas, edificando famílias, influenciando em todos os setores da sociedade. Isso é ser igreja e vai muito além da religião. Por isso Jesus nunca afirmou estar fundando uma nova religião e sim trazendo o Reino dos Céus na terra.

Paulo classifica os dons que apontam para a Igreja ser ativada:

DONS DE REVELAÇÃO (Saber): - Palavra de Sabedoria - Palavra de Conhecimento - Discernimento de espíritos. Veja que esses dons “revelam” um conhecimento que vai além do acadêmico ou de experiência de vida. Esses dons mostram sobrenaturalmente algo que a olhos nus, a

pessoa não vê. Um exemplo disso foi a resposta de Jesus à mulher samaritana no poço de Jacó: “Disseste bem, você não tem marido, pois tiveste 5 maridos e esse com quem está não é teu...” Ai está um exemplo de PALAVRA DE CONHECIMENTO. Assim como nesse exemplo você vai encontrar no texto bíblico várias situações alusivas a esses tipos de dons. de 13

DONS DE PODER: Fé, Cura e Operação de Milagres. Aqui quero enfatizar dois dons, o da Fé que nesses dias, como foi profetizado por Jesus está fria, esvaziada e até inexistente: “por se multiplicar a iniquidade, o amor de muitos esfriará” (Mateus 24.12). As pessoas não acreditam mais como antigamente; sua fé é suficiente apenas para crer que Jesus é o Salvador e disso não passa. Então não vemos mais pessoas apaixonadas por Deus como antes. Ao que parece a igreja de hoje parece àquela de Apocalipse que está morna. Mas graças a Deus que a Casa da Bênção continua lutando para aumentar a Fé de todos os seus membros. Então se a Fé está fria, Curas e Operações de Milagres são cada vez mais escassas.

DONS PARA DECISÕES E TEMOR: Profecia, Variedade de Línguas e Interpretação de Línguas. Mais uma vez vamos analisar a Igreja atual que se mostra diferente da antiga, quando uma pessoa se convertia ela BUSCAVA até ser batizada no Espírito Santo, começando pelo Dom de Línguas.

Paulo afirma que quem fala em línguas espirituais “*edifica a si mesmo*”. Infelizmente por muitas pessoas hoje em dia não serem batizados no Dom de Línguas, vemos pessoas que não são “edificadas”; que não crescem na Fé. Por outro lado, temos também a escassez de Profecias e o texto bíblico é claro: “*Não havendo profecia, o povo se corrompe; mas o que guarda a lei, esse é feliz*” (Provérbios 29.18).

Há quem diga que o ministério profético ficou para trás, no Antigo Testamento. Infelizmente muitos cristãos têm “abduzido” as palavras do Antigo Testamento sob a alegação enganosa de que o que está escrito lá não é para Igreja. Na verdade, eu concordo com um pastor que diz que deveria chamar: “Primeiro e Segundo Testamento”, pois toda a palavra, mesmo que indiretamente, tem benefícios para nós Igreja do Senhor. Se não fosse assim o apóstolo Paulo não incentivaria que os irmãos buscassem o dom de profetizar alegando que esse seria classificado como parte dos “principais dons” (1 Coríntios 14.1). Quando há Profecia na Igreja ela tem segurança em decidir. Antes se buscava os profetas para orar antes de decidir. Hoje em muitas igrejas (não na ICB) é o colegiado que decide muitas vezes depois de discussões plenárias com direito a palavrões e até cadeirada. Mas como já disse, não em nossa igreja (quero crer). Uma observação: Não sou contra o colegiado, pois

“

A última glória revelada não é um espetáculo religioso, mas a plenitude da presença de Deus manifestada em Seu povo.

”

a própria Palavra incentiva que na multidão dos conselheiros há segurança (Provérbios 11.14; 15.22).

ORGANIZANDO A IGREJA

Paulo foi o apóstolo que mais buscou orientar as igrejas que ele iniciou através de suas cartas. Como vimos em 1 Coríntios 12, ele institui que há dons que precisam ser a ferramenta para a igreja ser igreja, e no capítulo 14 da mesma carta, ele coloca ordem na casa, pois no primeiro momento a igreja buscou e recebeu os dons, mas agora, pelo que parece, as pessoas com os dons estavam “empoderadas” e isso de alguma forma

estava implodindo a congregação.

Assisti um filme de Steve Martin, com o título de: “*Fé demais não cheira bem...*” (Leap of Faith), ele estreou em 1992 contando a história de um pregador que começou a fazer grandes cultos em tendas usando um falso dom de Palavra de Sabedoria revelando as pessoas e orando por elas atraindo multidões. Porém o esquema dele é descoberto, pois usava câmeras escondidas, pessoas para extrair segredos dos expectadores e passavam para ele através de um “ponto” no ouvido dele durante o culto. No final ele é desmascarado, mas finalmente arrependido Deus começa a usá-lo de verdade e seu ministério é reativado. Infelizmente isso é real. Deixo a dica para vocês assistirem. Vale a pena.

Nesse retrato exposto acima vemos uma igreja ativada nos dons atraindo multidões (de forma errada), mas o FATO é que os DONS são para GANHAR ALMAS. Se não for para isso eles podem ser usados para “implodir” a Igreja. Daí voltamos ao início desse artigo. A igreja para ser IGREJA precisa dos DONS ESPIRITUAIS, mas para isso precisa se organizar.

O apóstolo Paulo em Efésios mostra que esses dons são distribuídos MINISTERIALMENTE, ou seja, cada um vai servir para uma função ministerial que coordena o Corpo. Imagine um corpo humano sem coordenação motora. Veja

àquelas pessoas que sofrem AVC(Acidente Vascular Cerebral) paralisando um ou mais membros do corpo. Elas perdem a coordenação e isso sobrecarrega outros membros dificultando a mobilidade da pessoa.

Assim é o Corpo de Cristo. Quando os DONS não são organizados, coordenados da maneira adequada comprometem os MOVIMENTOS DA IGREJA. Nesse caso não podemos dizer que o problema está na cabeça, pois o CABEÇA é CRISTO! Olha o que Paulo diz: *“E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo”* (Efésios 4.11-12).

Veja que ele afirma que a distribuição ministerial é com a intenção de APERFEIÇOAMENTO dos santos para desempenhar o serviço na edificação do Corpo de Cristo. Então podemos concluir que se os dons ficarem “soltos”, ou seja, se não houver uma “cobertura ministerial”, não edificarão o corpo. Sabe aquele irmão ou irmã que todo mundo vai pedir oração para ele ou ela e quando você chega lá constata que essa pessoa não tem igreja, não tem pastor etc. Sabe àqueles que têm “carreira solo”? Pois é, fuja deles!

Paulo diz que há 5 ministérios e, para terminar,

“

**Quando os
dons não são
organizados,
coordenados da
maneira adequada comprometem
os movimentos da
igreja.**

”

vamos a um breve relato da função e objetivo de cada um:

APÓSTOLOS. O ministério apostólico tem a função de reunir e alinhar os dons e ministérios, promovendo uma liderança direcionada por Deus para que a igreja funcione de forma plena e organizada.

Esse ministério também é responsável por validar e legitimar novos líderes, além de enviar aqueles que Deus direcionar. Note que não se trata de enviar apenas os que se consideram “prontos”, pois, ao longo da história bíblica, aqueles que foram chamados e enviados raramente se viam dessa for-

ma.

PROFETAS. Esse ministério, além de trazer segurança nas decisões, como já mencionado anteriormente, tem um papel fundamental em manter a igreja no temor de Deus. Infelizmente, a ausência desse temor leva, pouco a pouco, à tolerância de pequenos pecados. Mas, como dizia minha saudosa mãe: “não existe pecadinho ou pecado, tudo é pecado”.

Essa permissividade abre brechas na comunhão da igreja com o Senhor, enfraquecendo o entusiasmo, a fé e o desejo de cumprir a missão para a qual fomos chamados: ganhar os perdidos.

Quando o ministério profético está ativo, a igreja é constantemente conduzida a promover ações de santificação, como consagrações, jejuns, entre outras práticas espirituais, criando um ambiente onde a presença de Deus é honrada e preservada.

EVANGELISTAS. O Senhor Jesus nos confiou a Grande Comissão, e os dons têm, em primeiro lugar, a função de atrair pessoas para o ambiente cristão. Quando falamos desse ministério, pode parecer que apenas alguns irmãos são chamados para ser “evangelistas”. No entanto, como já foi dito por uma liderança da igreja, esse título nem deveria existir como algo exclusivo, pois todos fomos chamados para evangelizar.

Ainda assim, existem aqueles que são especialistas nessa área, pessoas capacitadas para liderar, organizar e mobilizar toda a igreja nessa missão. São eles que promovem estratégias e ações para que a igreja alcance os perdidos, lembrando que o próprio significado de igreja (*ekklesia*) é “chamados para fora”.

Portanto, buscar os perdidos é o foco central desse ministério, e é por meio desses dons que a igreja é impulsionada a cumprir essa missão com eficácia.

PASTORES. Após ganharmos essas pessoas, elas precisam ser cuidadas, orientadas e acompanhadas de perto. É importante esclarecer que, no meu entendimento, o ato de “pastorear” não pode recair apenas sobre a figura do homem ou da mulher que Deus levantou para liderar a congregação. Não se trata de dizer: “Pastor, aqui está alguém que ganhei para Jesus, agora cuide dele”, como se toda a responsabilidade fosse transferida para uma única pessoa.

Na verdade, todos os filhos maduros de Deus têm o papel de cuidar desse “bebê espiritual”, acompanhando-o até que cresça, se fortaleça e se torne capaz de gerar outros. E mesmo depois disso, o cuidado continua. Os irmãos que possuem dons voltados ao cuidado formam aquilo que podemos chamar de força pastoral, uma base essencial que sustenta e preserva o fruto. Não é novidade

“

*Por isso, chegou
o tempo de a Igreja
do século XXI
se reposicionar,
reativar os dons
e enviar seus
membros com
ousadia.*

”

de que um dos grandes desafios da igreja é justamente reter aquilo que foi conquistado. E é para isso que o ministério pastoral existe: cuidar, fortalecer e garantir que o fruto permaneça.

MESTRES. O ministério de mestre, tem a responsabilidade de fundamentar a igreja na verdade da Palavra de Deus. Sua função vai além de transmitir conhecimento; trata-se de formar convicções sólidas, trazendo entendimento, clareza e maturidade espiritual ao corpo de Cristo.

Em um tempo em que muitas vozes e interpretações surgem, o mestre exerce um papel essencial ao

proteger a igreja de enganos e distorções, conduzindo os irmãos a um crescimento saudável e equilibrado. Ele não apenas ensina, mas também estabelece fundamentos que sustentam a fé, ajudando cada cristão a compreender o que crê e por que crê. Esse ministério contribui diretamente para a edificação da igreja, preparando os santos para viverem de forma firme, estável e frutífera. Por meio do ensino contínuo e consistente, os mestres fortalecem a base espiritual da igreja, permitindo que ela cresça com profundidade, unidade e maturidade.

O CHAMADO PARA AVANÇAR

Hoje, entre nós líderes, há um equívoco recorrente: muitas vezes afirmamos que “tal irmão ou irmã ainda não está pronto”. No entanto, isso revela uma incoerência, pois a verdade é que nunca estivemos completamente prontos. Podemos até ter sido treinados, preparados em certa medida, mas totalmente prontos, não.

Por isso, chegou o tempo de a Igreja do século XXI se reposicionar, reativar os dons e enviar seus membros com ousadia. É hora de avançar, conquistar territórios e cumprir a missão que nos foi confiada: ganhar almas.

Missionário Valdir Miasato
ICB Sinop - MT



COLHA ONDE VOCE PLANTOU

O mundo ao nosso redor parece girar em torno de algoritmos de crescimento exponencial, onde o “sucesso” é medido pela rapidez com que se escala um projeto ou se amplia uma marca, é uma era definida pela métrica da velocidade. Infelizmente, essa mentalidade de mercado atravessou as portas de muitas Igrejas e gabi-

netes pastorais. Hoje, muitos líderes cristãos enfrentam uma pressão silenciosa e angustiante: a necessidade de estar em constante expansão. Novos departamentos, novos prédios, novas frentes missionárias e uma presença digital quase onipresente.

No entanto, quando silenciemos as vozes das expectativas externas e

abrimos as Escrituras, encontramos um modelo de liderança que opera em uma frequência distinta. O apóstolo Paulo, o maior bandeirante do Evangelho, não era um expansionista imprudente. Pelo contrário, sua defesa ministerial registrada na Segunda Epístola aos Coríntios revela uma clareza impressionante sobre limites



e foco: Não nos orgulharemos do que se fez fora de nosso campo de autoridade. Antes, nos orgulharemos apenas do que aconteceu dentro dos limites da obra que Deus nos confiou, que inclui nosso trabalho com vocês (2 Coríntios 10.13).

Esta declaração não é um atestado de falta de ambição, mas um princípio de

sabedoria apostólica: a fidelidade ao campo que Deus nos entregou hoje é o que legitima a posse do território que Ele nos entregará amanhã.

A TEOLOGIA DO LIMITE: O “KANON” DE DEUS

No texto original, Paulo

utiliza o termo grego *kanon*. Embora hoje associemos essa palavra ao conjunto de livros da Bíblia, no contexto da liderança paulina ela significava uma “régua de medir”, um limite ou uma fronteira de atuação. Paulo entendia que Deus não o havia chamado para ser “tudo para todos” em todos os lugares ao mesmo tempo; mas

“

Para o líder contemporâneo, compreender o seu kanon é libertador. Significa reconhecer que cada comunidade, cada rebanho e cada chamado possui uma ecologia própria.

”

para ser fiel dentro de uma esfera de influência específica.

Para o líder contemporâneo, compreender o seu kanon é libertador. Significa reconhecer que cada comunidade, cada rebanho e cada chamado possui uma ecologia própria. Um campo ministerial não é um território de conquista geopolítica (pautado pela disputa de poder), mas um solo sagrado que exige cultivo, paciência e, acima de tudo, presença.

O problema da liderança moderna surge quando começamos a olhar para além do horizonte; antes de termos cuidado adequadamente do que está sob nossos pés. A tentação de ampliar a atuação ministerial pode, muitas vezes, nascer não de uma direção do Espírito, mas de uma comparação doentia com o mi-

nistério vizinho ou de uma ambição pessoal disfarçada de zelo evangelístico.

PRIMEIRO A PROFUNDIDADE, DEPOIS A EXTENSÃO

Um aspecto frequentemente negligenciado na biografia de Paulo é o tempo que ele dedicava à manutenção das igrejas. Ele não era um semeador que lançava a semente e nunca mais voltava. Pelo contrário; suas viagens missionárias eram marcadas por retornos estratégicos para “ver como estavam os irmãos” e “confirmar (consolidar) as igrejas”. Sua estratégia não era apenas plantar comunidades, mas formar discípulos maduros, estabelecer lideranças locais e corrigir desvios doutrinários.

A lógica do Reino é orgânica, não mecânica. Na agricultura, se uma árvore cresce excessivamente para cima sem que suas raízes se aprofundem na mesma proporção, ela se torna instável e tombará na primeira tempestade. O mesmo acontece no ministério. Expansão sem consolidação produz estruturas largas, porém rasas; números impressionantes, mas vidas não transformadas. Quando invertemos o processo, expandindo rapidamente para tentar consolidar depois, criamos comunidades que conhecem o “fazer”, mas desconhecem o “ser”. No Reino de Deus, o crescimento saudável exige raízes que ninguém vê, mas

que sustentam tudo o que aparece.

O PERIGO DO ATIVISMO E A SUPERFICIALIDADE ESPIRITUAL

Precisamos falar honestamente sobre o ativismo ministerial. É perfeitamente possível ter uma agenda lotada, projetos sucessivos e uma sensação de avanço constante, enquanto a alma da liderança e a saúde da igreja definham. O ativismo é o substituto barato da unção. Ele nos mantém ocupados o suficiente para não percebermos que perdemos a profundidade.

Uma igreja pode crescer em número e, simultaneamente, regredir em maturidade. Um ministério pode ampliar sua visibilidade nas redes sociais enquanto sua vida de oração e estudo bíblico se torna anêmica. Paulo esperava que a fé dos irmãos crescesse para que, então, sua própria esfera de ação fosse ampliada. Ou seja: o crescimento do líder estava condicionado à maturidade dos seus liderados. Se a igreja não amadurece, o avanço do líder é um voo solitário e perigoso.

DISCERNINDO O “TEMPO DE KAIRÓS” PARA O AVANÇO

A expansão faz parte da natureza da Igreja, somos uma comunidade enviada (ekklesia). A questão, portanto, não é se devemos avançar, mas se estamos no

“

Fomos chamados para alcançar nações, tribos e línguas. No entanto, o crescimento que honra a Deus é aquele que respeita o tempo e as estações.

”

tempo correto de Deus para isso. O discernimento espiritual exige que analisemos alguns pilares fundamentais antes de dar o próximo passo:

1. A Maturidade da Base Atual: Uma obra consolidada produz discípulos que não dependem da “mula” emocional ou da presença ininterrupta do Pastor principal. Se a sua ausência por quinze dias gera um colapso na estrutura atual, você ainda não consolidou o suficiente para expandir para uma segunda frente. A maturidade da comunidade é o sinal verde para o avanço.

2. A Formação de Novas Lideranças: No modelo apostólico, a sucessão e a delegação precediam a partida. Antes de seguir para novas regiões, Paulo e seus cooperadores levantavam pres-

bíteros e pastores locais. A pergunta que queima o coração do líder não deve ser apenas “Podemos abrir este novo trabalho?”, mas sim “Temos liderança preparada para cuidar bem e com amor do que será iniciado?”. A expansão sem líderes vocacionados gera sobrecarga, fadiga e, eventualmente, o abandono do rebanho.

3. O Fruto que Permanece: Antes de ampliar seus campos, o agricultor observa a saúde da colheita atual. O campo que Deus lhe deu hoje está produzindo frutos de arrependimento, serviço e santidade? Quando o trabalho já iniciado demonstra estabilidade e transformação real de vidas, isso é um indicativo de que a base foi devidamente pavimentada. A expansão saudável é um transbordamento da saúde local, não uma tentativa de fuga de problemas internos.

O CHAMADO À FIDELIDADE NO “LUGAR DA PLANTAÇÃO”

Em última análise, seremos julgados não pela amplitude do nosso currículo ministerial, mas pela fidelidade ao chamado que recebemos. No Reino de Deus, “sucesso” é uma palavra que deveria ser lida como “obediência à sua vocação”. Muitos líderes passam a vida sonhando com novos territórios enquanto negligenciam o jardim que Deus colocou sob seus cuidados.

O convite de Deus para nós hoje é um retorno ao

essencial: cuide do que foi plantado. Ore pelas ovelhas que já estão no aprisco. Forme os discípulos que já estão à sua mesa. Fortaleça as colunas da casa que você já habita. A geografia do Reino é desenhada pelas mãos de Deus, e Ele tem o prazer de levar para o “muito” aquele que provou ser digno de confiança no “pouco”.

A PROMESSA DA COLHEITA

A Igreja de Cristo nunca deve ser estática. Fomos chamados para alcançar nações, tribos e línguas. No entanto, o crescimento que honra a Deus é aquele que respeita o tempo e as estações. Consolidar antes de ampliar não é falta de fé; é boa administração bíblica da graça.

Ao olhar para o seu campo hoje, não o despreze por parecer pequeno ou limitado. Se foi Deus quem o demarcou, ele é o lugar da sua maior vitória. Lembre-se de que a semente que cai em terra boa e é cultivada com paciência; produzirá a trinta, sessenta e cem por cento. Quem aprende a descansar na fidelidade ao lugar onde foi plantado descobrirá, com o tempo; que o Senhor da Seara é quem abre as portas que ninguém pode fechar.

Cultive com excelência o seu campo atual, onde você plantou. A colheita de amanhã depende da profundidade da sua entrega hoje.

Pr. Júnior Cruz
ICB Cuiabá - MT



O DO Guard e cur

O PODER DO FOCO

Guardando o coração cumprindo o chamado

A geração atual é marcada por excesso de estímulos, onde a atenção é constantemente disputada por inúmeras vozes, emoções e demandas externas. Nesse contexto, torna-se indispensável compreender que uma das maiores necessidades da caminhada cristã é desenvolver foco, a habilidade espiritual de permanecer direcionado àquilo que Deus estabeleceu como

propósito para cada um de nós.

A Escritura nos revela um princípio essencial em Mateus 6.21-23: *“Pois onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração. Os olhos são a lâmpada do corpo...”*

Essa palavra não apenas aponta para a importância do foco, mas revela que a direção da nossa vida

é determinada por aquilo que ocupa nosso coração e governa nossa visão. Deus tem um foco para cada vida, mas o inimigo trabalha incansavelmente para fragmentá-lo.

Queremos conduzir líderes e pastores a uma reflexão profunda sobre os principais agentes de distração espiritual e os caminhos para preservar um foco sau-

dável, alinhado com o coração do Pai.

1. CONFLITO ESPIRITUAL PELO FOCO

A vida cristã não é apenas uma jornada de crescimento, mas também um campo de batalha. Enquanto Deus estabelece propósito, o inimigo multiplica distrações. A estratégia de Satanás não é necessariamente destruir de imediato, mas desfocar. Um líder sem foco perde direção, intensidade e, consequentemente, eficácia.

O apóstolo Paulo afirma em 2 Coríntios 10.5: *“...levando cativo todo pen-*

“

Enquanto Deus estabelece propósito, o inimigo multiplica distrações. A estratégia de Satanás não é necessariamente destruir de imediato, mas desfocar.

”

samento à obediência de Cristo.” O foco, portanto, não é apenas uma disciplina mental, mas uma prática espiritual de submissão contínua dos pensamentos à vontade de Deus.

2. RESSENTIMENTO: UM INIMIGO SILENCIOSO

Entre as ferramentas mais sutis de distração está o ressentimento. Sentir é humano, mas ressentir, alimentar a ofensa, compromete profundamente a saúde espiritual.

A Palavra adverte em Hebreus 12.15: *“Tende cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura brotando vos perturbe...”*

O ressentimento: fragiliza o coração; drena as emoções; rouba a alegria espiritual; e desvia o foco da missão. A vida cristã não é centrada em nós mesmos, mas em Deus e nas pessoas. Quando o coração se torna refém da ofensa, o propósito perde espaço.

3. AS MÍDIAS SOCIAIS E A DISTRAÇÃO CONTEMPORÂNEA

Outro fator relevante é o uso desordenado das mídias sociais. Não se trata de demonizar ferramentas, mas de discernir sua influência.

Aqui, dois perigos se

destacam:

a) A comparação - gera insatisfação e desconfiança das intenções de Deus. *“Cada um examine os seus próprios atos...”* (Gálatas 6.4)

b) O excesso - O tempo mal administrado compromete áreas essenciais da vida: espiritual, familiar e ministerial. O foco exige intencionalidade. Tudo aquilo que não é bem administrado tende a se tornar um peso, conforme Hebreus 12.1: *“Livremo-nos de tudo o que nos atrapalha...”*

4. O FUNDAMENTO DO FOCO: A CONFIANÇA NO PAI

O centro do ensino de Jesus no Sermão do Monte (Mateus 5-7) é a confiança plena no Pai. A convicção que sustenta o foco é esta: Deus é um bom Pai e cuida de todas as coisas. O salmista declara em Salmos 23.1: *“O Senhor é o meu pastor; nada me faltará.”*

Quando essa verdade governa o coração: a ansiedade perde força, a comparação perde sentido e a dúvida perde espaço. O foco nasce da confiança. Onde está o tesouro, a convicção, ali estará o coração.

5. OLHOS SAUDÁVEIS, VIDA ILUMINADA

Jesus ensina que os olhos são a lâmpada do cor-

“

**Quando os
dons não são
organizados,
coordenados da
maneira adequada
comprometem
os movimentos da
igreja.**

”

po (Mateus 6.22). Isso fala da forma como interpretamos a vida.

• Olhos bons → visão de fé → vida cheia de luz

• Olhos maus → visão negativa → vida em trevas

A maneira como vemos Deus determina como vivemos. Uma visão distorcida gera uma vida desalinhada.

6. MENTE DIVIDIDA: METADE DO POTENCIAL

Uma das maiores perdas espirituais é a divisão interna. Uma mente dividida compromete o avanço.

Tiago afirma em Tiago 1.8: *“O homem de coração dobre é inconstante em todos os seus caminhos.”*

O foco produz inteireza. Deus não nos chamou para viver pela metade, mas com integridade: inteiros no propósito, na fé e na missão.

7. LIVRANDO-SE DOS PESOS INVISÍVEIS

Nem tudo que atrapalha é pecado, mas tudo que rouba o foco precisa ser tratado.

Hebreus 12.1 orienta: *“Livremo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve...”*

Cada líder precisa discernir:

• O que está drenando sua energia espiritual

• O que está ocupando espaço indevido em sua mente

• O que está enfraquecendo sua convicção

O foco exige renúncia consciente.

8. UMA COISA É NECESSÁRIA

No episódio de Marta e Maria, Jesus declara: *“Uma só coisa é necessária...”* - Lucas 10.41-42.

Maria escolheu a presença. Marta se perdeu nas muitas ocupações. O ministério nunca pode substituir

a presença. O fazer nunca pode superar o ser.

9. PERSEVERANÇA: O FOCO QUE VÊ A PROMESSA

Os exemplos de Simão e Ana (Lucas 2.25-38) revelam o poder de uma vida focada na promessa. Eles perseveraram até ver o cumprimento. O foco sustenta a esperança. A esperança sustenta a perseverança.

Como está escrito: *“Fiel é o que prometeu.”* - Hebreus 10.23.

Mais do que temer circunstâncias adversas, devemos temer viver fora do centro da vontade de Deus. O Senhor continua chamando Sua Igreja a uma vida de inteireza, fé e concentração no essencial. Em um tempo de muitas vozes, permanece o convite de Cristo: fixar os olhos n'Ele.

Que cada pastor e líder possa conduzir sua vida e seu rebanho a esse lugar de foco, onde o coração está firmado no Pai, a mente está alinhada com Cristo e a vida está totalmente entregue ao propósito eterno.

Uma coisa é necessária. E essa escolha define tudo.

Pr. Carlito Paes

Pastor Sênior da Igreja da Cidade SJC - SP (Adaptado da ministração O Poder do Foco)

QUEM DE VOCÊ,

Essa pergunta parece óbvia. Sim, eu sei que Deus cuida dos seus ministros. Sim, a graça nos faz suportar as pressões, e devemos aprender a nos “fortalecer no Senhor”. Mas Deus também cuida das ovelhas, e nem por isso elas deixam de precisar de uma pessoa

separada por Ele para cuidar, amar, ensinar e corrigir. Quando Deus criou o homem, a primeira observação que Ele fez foi: “Não é bom que o homem esteja só”. Isso não era apenas sobre o casamento. Precisamos de pessoas, assim como precisamos de Deus. Não

devemos buscar nas pessoas o que só Deus pode oferecer, mas também não podemos buscar em Deus o que só outras pessoas podem oferecer! Vale para o casamento, vale para os amigos, para os irmãos em Cristo, e para os pastores: Não é bom que um pastor esteja só!

CUIDA PASTOR?

“Mas o pastor não vive cercado de pessoas”? Na verdade, o chamado pastoral pode se tornar uma das tarefas mais solitárias que um homem pode decidir seguir. Em parte, por culpa do povo, mas em parte por culpa do próprio pastor. Do povo, por causa das expec-

tativas irreais que fazem na pessoa do pastor. Só para exemplificar: fiz uma pesquisa sobre quanto tempo as pessoas entendiam que o pastor deveria dedicar, por dia, a visitas, aconselhamentos, estudos, oração, planejamento, administração, reuniões, descanso, família,

pregação etc. A soma deu 40 horas por dia de trabalho! As pessoas esperam um super-humano, infalível, sem emoções, gênio da Bíblia, da liderança e das questões humanas. Não entendem que serão cuidadas por alguém que, sim, é chamado e ungido por Deus, mas é limita-

do, falho, tem sentimentos, não sabe tudo da Bíblia, está crescendo como líder e pessoa, e ainda tem muito a aprender sobre o cuidado com o povo. O texto abaixo, de uma forma sarcástica e divertida, exemplifica essas falsas expectativas do povo:

“Após centenas de anos de procura, achou-se o pastor perfeito. É um líder que consegue agradar a todos. Ele consegue pregar 1h dentro de 30min, agradando quem gosta de uma pregação rápida e quem gosta de um ensino profundo. É divertido e muito sério. Ele condena o pecado, mas sem apontar o dedo para confrontar ninguém. Trabalha diariamente, das 8h às 22h, e faz de tudo, da faxina da igreja à preparação dos sermões. Mantém a igreja na excelência, mas sem exigir compromisso das pessoas. Não trabalha fora, e não incomoda a igreja com suas necessidades financeiras, mas está sempre bem-vestido e de carro novo. Está disponível para suas ovelhas 24h, e é um marido sempre presente. Sua igreja está sempre pronta a dar, ajudar os pobres e fazer missões, mas nunca incomoda o povo pedindo ofertas. Tem a energia de um jovem de 30 anos, e a experiência de um senhor de 50 anos. Ama trabalhar com os jovens, e dedica-se integralmente a cuidar dos idosos. Sorri o tempo inteiro, apesar de se manter sempre sério, porque é seriamente dedicado a manter seu senso de humor. Visita diariamente 10 pessoas, e passa o resto do

“

O próprio pastor também tem sua parcela de culpa no isolamento, pois muitas vezes é tentado a esconder sua humanidade, com medo de perder sua autoridade ou sua suposta “aura” de um “ser espiritualmente superior”.

”

tempo livre evangelizando, mas sempre que precisamos dele podemos encontrá-lo em seu gabinete. Seus olhos são azuis ou castanhos, conforme a necessidade. Está sempre em forma, e come tudo o que as pessoas o oferecem. Ele é um homem que vive reservado para a oração, mas sempre está lendo um livro, e é carismático e faz amizades novas todo dia. Confia rapidamente nas pessoas, e entende que elas precisam de um tempo para confiar nele. Preparou-se tanto para assumir esse nível de pastoreio, que quando ficou pronto não tinha mais idade e nem condições para pastorear”.

Além da expectativa irreal, o povo da igreja muitas vezes funciona como as

multidões do mundo. Esquecem rápido dos sacrifícios e doações do líder, mas lembram com força e até crueldade de suas falhas. Se um pastor prospera, questionam se ele é íntegro com o dinheiro do Senhor. Se passa necessidades, questionam se ele é um bom e sábio administrador. Se não fala dos problemas, é orgulhoso. Se abre seu coração, é fraco. Se uma tragédia acontece, muitas vezes a primeira reação não é o abraço amigo, o suporte material ou as orações, mas as perguntas: “será que ele está mesmo no centro da vontade de Deus”?

O próprio pastor também tem sua parcela de culpa no isolamento, pois muitas vezes é tentado a esconder sua humanidade, com medo de perder sua autoridade ou sua suposta “aura” de um “ser espiritualmente superior”. “Mas um pastor pode jogar videogame”? “Pode jogar futebol”? “Pastor, o senhor vai ao cinema”? Os líderes maduros precisam descobrir que a opinião pública é uma das fontes mais instáveis de sustentação de liderança a longo prazo para o pastoreio. Vejam o apóstolo Paulo em Malta: mordido por uma víbora, logo após o naufrágio, as pessoas diziam: – é amaldiçoado! Poucos minutos após, quando viram que ele sacudiu a víbora e estava vivo, diziam: – é um deus! Numa hora, você foi “colocado pelo próprio Deus”, é “inspirado pelo Espírito” e “ousado”. Minutos depois,

você pode ser chamado de insensível, frio e presunçoso, e talvez “não seja a melhor pessoa para o cargo”. É nesse mar de opiniões inconstantes que o pastor precisa amadurecer sua firmeza nas instruções divinas. Jesus disse aos discípulos:

“Com que posso comparar essa geração? As pessoas se comportam como crianças mimadas, reclamando dos pais: ‘Queremos pular corda, mas vocês estão sempre cansados. Queremos conversar, mas vocês estão sempre ocupados’. João veio jejuando, e foi chamado de louco. Eu cheguei festejando, e me chamaram de beerrão, amigo da ralé. As pesquisas de opinião não parecem valer muita coisa, não é? Só com a experiência é que se comprova a verdade.” - Mateus 11.16-19 (A Mensagem).

Além de esconder a humanidade, os pastores se isolam ao esconder seus defeitos. Não estou dizendo que devem usar o púlpito no domingo para desabafar seus problemas, ou compartilhar com cada membro suas dificuldades pessoais. Mas muitas vezes uma conversa entre pastores parece uma competição velada para mostrar quem teve um maior “resultado ministerial”. No meio desses feitos e maravilhas contados, porém, existe um homem cheio de “...conflitos externos e temores internos” (2 Coríntios 7.5). E que precisa de um mentor, de alguém para se aconselhar! Todo pastor precisa de um Timó-

“

Além de esconder a humanidade, os pastores se isolam ao esconder seus defeitos. Não estou dizendo que devem usar o púlpito no domingo para desabafar seus problemas, ou compartilhar com cada membro suas dificuldades pessoais.

”

teo, um Paulo e um Barnabé: Alguém que discipulamos e cuida de nós, alguém que nos mentoreia e corrige, e alguém que é nosso ombro amigo e consolador. Sem esse suporte, podemos mais cedo ou mais tarde desabar nossa vida e ministério. E esse é um dos motivos de encontrarmos pastores sofrendo de depressão em secreto, enfrentando sozinhos as traições ministeriais, pressões financeiras, familiares e o esgotamento físico. Alguns chegam ao extremo de retirar a própria vida.

“Agora lhes pedimos, irmãos, que tenham consideração para com os que se esforçam no trabalho entre vocês, que os lideram no Senhor e os aconselham. Te-

nam-nos na mais alta estima (máxima consideração – RA), com amor, por causa do trabalho deles”. – 1 Tessalonicenses 5.12-13

“Obedeçam aos seus líderes e submetam-se à autoridade deles. Eles cuidam de vocês como quem deve prestar contas. Obedeçam-lhes para que o trabalho deles seja uma alegria e não um peso, pois isso não seria proveitoso para vocês”. – Hebreus 13.17

“Os presbíteros que lideram bem a igreja são dignos de dupla honra (honorários), especialmente aqueles cujo trabalho é a pregação e o ensino”. – 1 Timóteo 5.17

“O que está sendo instruído na Palavra partilhe todas as coisas boas com aquele que o instrui”. – Gálatas 6.6

Sim, Deus cuida dos pastores, mas a Bíblia mostra amplamente que a igreja com seus membros tem uma responsabilidade dada por Deus para cuidar do seu pastor. Cabe ensinar que esse princípio não é apenas para suprir uma necessidade da família pastoral. Não se honra alguém porque essa pessoa precisa, mas porque ela é digna de ser honrada! Não importa o tamanho da igreja, ou quanto o pastor pareça ou não precisar de ajuda, cada crente tem uma parte da responsabilidade dada por Deus de cuidar bem de seu pastor. Não terceirize essa tarefa aos líderes, à diretoria da igreja, à denominação ou a um

grupo específico. Todos têm uma parte nesse ministério. Que “coisas boas” você tem dado àquele o que o ensina?

COMO POSSO CUIDAR DO MEU PASTOR?

Na tentativa de resumir um tema tão extenso e importante, posso dividir de forma prática 4 aspectos bíblicos que TODO MEMBRO DE IGREJA deve considerar com respeito ao cuidado do seu pastor:

- Honrando e cooperando com a visão que ele recebe de Deus para a igreja local: Se o seu pastor é um líder piedoso, ele deve ter o mesmo sentimento do apóstolo João: *“não tenho alegria maior do que ouvir que meus filhos estão andando na verdade”* (3 João 1.4). Nada alegra mais o coração de um pastor verdadeiro do que saber que o povo está, como os cristãos de Beréia, recebendo com avidez a Palavra. Celebre os cultos e eventos, as pregações e ensinamentos, agarre a visão e a cultura da sua igreja. Descubra o que seu pastor valoriza e comece a valorizar também. Mergulhe de cabeça nos projetos. Obedeça com alegria, pois “não seria útil” (Hebreus 13.17) para você estar numa igreja que você não celebra. Se você não ama e honra a visão e seu pastor, busque agora mesmo ao Senhor em oração, e tome uma atitude de ser fervoroso nestas coisas. Se ainda depois de orar você não

“

Só um pastor sabe o tamanho da pressão espiritual que se enfrenta todo dia para liderar uma igreja saudável neste mundo perverso e de valores corrompidos.

”

concordar, não viva no meio do povo como um murmurador ou “do contra”.

- Orando e encorajando sua vida pessoal e ministério: Só um pastor sabe o tamanho da pressão espiritual que se enfrenta todo dia para liderar uma igreja saudável neste mundo perverso e de valores corrompidos. Existem pessoas lá fora que adorariam ver o seu pastor cair num escândalo ou desistir de tudo. Tem até gente dentro do rebanho que a Bíblia chama de lobos ferozes e criam problemas, distrações e resistência espiritual. O próprio diabo e os demônios também fazem uma grande oposição ao ministério do seu pastor. Não faça parte dessa lista! Ore diariamente por seu pastor. Costumamos criticar

rapidamente quando algo na igreja “dá errado”, mas qual foi a última vez que você elogiou seu pastor, seja na frente dele ou de outros? Você já agradeceu por alguma mensagem que marcou a sua vida? Já reconheceu publicamente uma atitude que impactou você? Todo ser humano precisa de encorajamento, e seu pastor não é uma exceção... Você tem o seu líder em “máxima consideração”?

- Cuidando da saúde física, financeira e emocional da família pastoral: É impressionante como algumas pessoas se esforçam para ter uma igreja com um prédio pintado, um piso novo e um microfone de qualidade, mas não se incomodam em ter um pastor com roupas velhas, pneus do carro desgastados e uma saúde debilitada. Se você é membro de uma boa igreja, deveria enxergar seu pastor como o maior “patrimônio” da instituição! Sem ele, nem prédios, nem projetos e nem igreja existiriam. Alguns acham que o pastor está “pesado no orçamento da igreja”, mas esquecem que sem o pastor nem orçamento a igreja iria ter! A família do seu pastor tem plano de saúde? Alguém pode dizer: “ele precisa crer em cura divina...” ou “Ele não deve se preparar para adoecer...”. Quero lembrar que o nome é plano de saúde, e não plano de doença! Exames de rotina são necessários, além de acompanhamento físico, nutricional etc.

Um pastor saudável será um pastor mais disposto e disponível para ser uma bênção para sua vida. Talvez a igreja não esteja num nível financeiro capaz de suprir tantas demandas lícitas, como transporte de qualidade, plano de previdência etc., mas será que alguns irmãos não podem se unir e suprir temporariamente essas ou outras carências? Qual foi a última vez que seu pastor fez uma viagem de descanso com a esposa, ou saiu para um dia de lazer com os filhos? E que tal se você (junto ou com um grupo) for a pessoa que vai semear essa oportunidade? Eu sei que nessa hora muitos irmãos vão pensar nos pastores gananciosos e aproveitadores, e infelizmente eles existem sim... mas se esse for o seu caso, por que você ainda está na igreja errada? Porém, se o seu pastor é uma bênção, e você já compartilhou tantos problemas e coisas ruins com ele, que tal começar a compartilhar estas e outras coisas boas também? (Gálatas 6.6).

“Se entre vocês semeamos coisas espirituais, seria demais colhermos de vocês coisas materiais?” - 1 Coríntios 9.11.

- Promovendo crescimento pessoal e espiritual do seu líder: Se você algum dia já criticou uma pregação do seu pastor, ou uma decisão que ele teve como líder em alguma área, ou uma suposta “falta de sabedoria”, eu tenho algumas perguntas para você: você

“

Será que seu pastor atual será para sempre seu pastor? Que tal então transformar essa temporada numa jornada agradável para ele, para você e para toda a igreja? Essa sim, é a forma mais proveitosa, prazerosa, e Bíblica de ser parte de uma igreja saudável.

”

já o presenteou com algum livro? Você já deu a ele a oportunidade de participar de alguma conferência, nacional ou internacional? Que tal semear uma passagem aérea, uma inscrição, ou uma hospedagem, para um evento que pode mudar a vida e ministério dele? Até mesmo naturalmente falando, não seria sensato investir na qualificação da pessoa que você se senta para ouvir toda semana? Quanto mais seu pastor crescer, melhores ensinamentos e conselhos você vai receber. Sua família será melhor, seus negócios vão prosperar mais, seu espírito estará bem alimentado. Por que resistimos em lançar as sementes para cima, se sabemos que elas vão cair de volta em nossas mãos de uma forma trabalhada e multiplicada?

Tenha orgulho de congregar em um bom prédio, de fazer parte de uma boa igreja, mas se alegre também em ver seu pastor desfrutando do melhor da terra. Lembre-se que é você quem ele representará por onde for. Lembre-se também que ele só vai conseguir levar o rebanho, a liderança (leia-se: você!) aos lugares que ele já foi primeiro. Exponha seu pastor a um ambiente de crescimento, invista nele como se investe numa aplicação altamente rentável. Sonhe os sonhos de seu pastor, e deixe Deus sonhar os seus sonhos.

Quando vejo um cren-te egoísta, ingrato ou invejoso chamando uma atitude de honra de “bajulação”, costumo lembrar da mulher que derramou um perfume caríssimo aos pés de Jesus. Judas, pensando no próprio umbigo, reclamou que aquele “desperdício” poderia ter sido ministrado aos pobres. Não era nos pobres que estava pensando. Era apenas um discurso “politicamente correto” para esconder a desonra do seu coração. Jesus foi enfático: *“os pobres vocês sempre terão consigo, mas a mim vocês nem sempre terão”*. Será que seu pastor atual será para sempre seu pastor? Que tal então transformar essa temporada numa jornada agradável para ele, para você e para toda a igreja? Essa sim, é a forma mais proveitosa, prazerosa, e Bíblica de ser parte de uma igreja saudável.

Equipe Editorial

FÉ SOB PRESSÃO:

A IGREJA PERSEGUIDA E O PODER DO PERDÃO

Em diversos países de maioria islâmica, a fé cristã é vivida sob constante tensão. A opressão contra os cristãos se manifesta, geralmente, de duas formas: pela rejeição social e pela perseguição institucional do Estado. Em muitos desses contextos, ser cristão não é apenas uma escolha religiosa, é uma decisão que pode custar liberdade, dignidade e até a própria vida.

Embora a intensidade da perseguição varie, há regiões onde o controle estatal é severo e a vigilância cons-

tante. No Irã, por exemplo, a sociedade, em muitos casos, demonstra certa tolerância, mas o governo mantém uma postura rígida contra o cristianismo, especialmente contra aqueles que se convertem do islamismo. Igrejas domésticas, reuniões simples realizadas em casas, tornam-se alvos frequentes de investigação, repressão e fechamento.

A CONVERSÃO EM MEIO AO CAOS

Dentro desse cenário desafiador, histórias de fé emergem como luz em

meio às trevas. A trajetória de Navid ilustra essa realidade de forma profunda e impactante. Ex-muçulmano e empresário bem-sucedido em Teerã, ele viu sua vida desmoronar em poucos dias após a falência de sua empresa. Sem recursos, passou a viver dentro de seu carro, estacionando em locais estratégicos para evitar problemas com a polícia.

Durante seis meses, enfrentou a dureza das ruas, sobrevivendo como motorista informal. Foi nesse período que um encontro im-



provável mudaria o rumo de sua história: uma passageira, que havia sido acolhida por sua família no passado, começou a falar-lhe sobre Jesus Cristo.

Inicialmente resistente, Navid buscava respostas racionais. Sua mente lógica exigia evidências concretas. Ele declarou que só acreditaria se pudesse “experimentar” Deus. Para sua surpresa, a resposta que recebeu foi simples: “Eu vou orar”.

Naquela mesma noite, enquanto dormia em seu carro, teve uma experiência

que transformaria sua vida para sempre. Ele relata ter visto Jesus, um momento breve, mas suficiente para provocar uma rendição completa. Ao despertar, declarou: “Eu me rendo”. A fé, que antes rejeitava, agora se tornava o centro de sua existência.

CRESCIMENTO ESPIRITUAL EM TERRITÓRIO HOSTIL

Após sua conversão, Navid passou a frequentar uma igreja doméstica, foi batizado e treinado como líder. Mesmo diante dos ris-

“
Uma onda de prisões atingiu igrejas domésticas em todo o país. Líderes foram detidos, comunidades foram desmanteladas e muitos cristãos enfrentaram tortura física e psicológica.
”

cos, envolveu-se ativamente na expansão do evangelho, inclusive produzindo conteúdos cristãos de forma secreta para alcançar crianças e famílias que não tinham acesso à mensagem na língua local.

Entretanto, por volta de 2009, a perseguição se intensificou drasticamente. Uma onda de prisões atingiu igrejas domésticas em todo o país. Líderes foram detidos, comunidades foram desmanteladas e muitos cristãos enfrentaram tortura física e psicológica.

Navid testemunhou de perto essa realidade. Amigos foram presos, casas invadidas e até crianças levadas pelas autoridades. A vigilância tornou-se constante: telefones grampeados, amea-

ças frequentes e um clima de medo que roubava o sono.

PERDA, FUGA E RE-COMEÇO

Com o risco iminente de prisão, Navid e sua esposa foram forçados a fugir. Em apenas três dias, abandonaram tudo o que haviam construído, casa, bens, identidade e história. Ele cruzou ilegalmente a fronteira para a Turquia, enfrentando mais uma vez a dor da perda total.

Curiosamente, essa não foi a primeira vez que ele perdeu tudo em três dias. A repetição desse ciclo revela não apenas a fragilidade das estruturas humanas, mas também a força de uma fé que se sustenta além das circunstâncias.

O PODER TRANSFORMADOR DO PERDÃO

Apesar de toda a dor vivida, o aspecto mais surpreendente da história de Navid não é a perseguição, mas a resposta que ele escolheu dar a ela. Em um encontro inesperado na Turquia, ele se sentou à mesa com um ex-agente do serviço secreto iraniano, alguém que representava o sistema que o havia perseguido.

O homem, arrependido, pediu perdão. E Navid, longe de nutrir ódio, respondeu com graça. Inspirado pelas palavras de Jesus na cruz: “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem”, ele decidiu perdoar.

Essa escolha revela a essência do evangelho: amar

“

***Absolutamente,
a visão é o alicerce
sobre o qual
construímos tudo
o mais em nossas
vidas, inclusive a
maneira como edifi-
camos a Igreja para
Deus.***

”

os inimigos, orar pelos que perseguem e romper o ciclo do ódio com o poder do perdão. Navid compreendeu que muitos dos seus perseguidores agiam convictos de estarem fazendo o certo. Essa percepção não justifica a violência, mas abre espaço para a compaixão.

UM CHAMADO À IGREJA GLOBAL

A história de Navid não é isolada. Ela representa milhões de cristãos ao redor do mundo que vivem sua fé sob risco constante. Ainda assim, há sinais de esperança: o evangelho continua avançando, mesmo em territórios hostis. Novas conversões acontecem diariamente, e o que muitos chamam de impossível já está em movimento.

No entanto, há uma necessidade urgente: líderes. A perseguição tem afastado ou silenciado muitos deles, criando um vácuo espiritual em regiões onde a colheita é abundante, mas os trabalhadores são poucos.

Diante disso, o chamado à Igreja global é claro: ORAR. Orar pelos cristãos perseguidos, pelos que ainda não conhecem a Cristo e até mesmo pelos perseguidores. Orar para que Deus levante líderes, fortaleça a fé dos que resistem e transforme corações endurecidos.

A fé que sobrevive à perseguição é uma fé refinada, profunda e inabalável. Ela não se apoia em conforto, mas em convicção. A história de Navid nos confronta e inspira, mostrando que, mesmo diante da dor, é possível escolher o amor.

Em um mundo marcado por conflitos religiosos e ideológicos, o evangelho continua sendo uma mensagem contracultural: perdoar em vez de revidar, amar em vez de odiar e crer mesmo quando tudo parece perdido.

Que essa realidade nos desperte para uma fé mais comprometida, sensível e ativa. E que nunca nos esqueçamos: onde há perseguição, também há um Deus que se revela, transforma e sustenta os seus.

Faces da Igreja Perseguida
Site: Portas Abertas
<https://portasabertas.org.br/>

Casa Publicadora, sua Livraria On-Line!



GARANTA LOGO O SEU!

Acesse nossa livraria online e compre os materiais
da Casa da Bênção de maneira rápida e fácil!



Apenas um Clique!



CASA PUBLICADORA DA CASA DA BENÇÃO

www.cpicb.com.br

61 9.9949-7654